



Recebido em:  
02/07/2017  
Aprovado em:  
02/07/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## A Sociedade Tecnófila: Uma análise da problemática à luz do esclarecimento de Kant

GEOVÂNIA NUNES DE CARVALHO

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

### Resumo

O presente artigo reflete sobre a problemática do uso acrítico das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação – TDIC sob a égide do argumento kantiano **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento” (Aufklärung)**. A análise toma como verdadeira a hipótese de que a sociedade atualmente está intoxicada pelas tecnologias digitais, fato que é comprovado através do uso de ferramentas de software aparentemente desnecessárias, as quais adquirem utilidade depois de levar os seus usuários à situação de dependência de um comportamento, desenvolvido e reforçado pelo uso excessivo das mesmas. Para desenvolver o raciocínio explicativo, discute-se os conceitos de tutela, de menor e maior idade e respectivos atributos que leva o homem a permanecer na situação primeira; e aqueles que lhe permite alcançar a segunda condição. Finalmente, alinhava-se uma possível resposta para explicar qual a razão da tecnofilia na atualidade, ancorando-se nos conceitos e argumentações kantianas.

### Abstract

This article reflects on the problematic of the uncritical use of the Digital Technologies of Information and Communication - DTIC under the aegis of the Kantian argument. **Answer to the question: What is "Clarification" (Aufklärung)**. The analysis takes as true the hypothesis that society is currently intoxicated by digital technologies, a fact that is proven through the use of seemingly unnecessary software tools, which acquire utility after taking their users to the situation of dependence on some behavior, developed and reinforced by the excessive use of it. To develop the explanatory reasoning, we discuss the concepts of guardianship, of minor and major age and respective attributes that lead the man to remain in the first situation; and those that allows them to reach the second condition. Finally, shows a possible answer to explain the reason for the technophilia in the present time, anchoring itself in the Kantian's concepts and arguments.

### Introdução

Este texto é resultado das conversações realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Informática na Educação – GEPIED/ UFS/CNPq, inseridas na Linha de Pesquisa Tecnologias e Humanidade, coordenada pela autora, no intervalo de quatro encontros. Foi eleito para conduzir as reflexões sobre o mal das tecnologias, o argumento kantiano **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento” (Aufklärung)**.

Já de início, encontramos uma interseção entre o título que nos incomoda e o texto basilar que conduz a nossa reflexão para empreender uma tentativa de resposta: ambos partem de um questionamento sobre a condição de possibilidade de tecer tentativas de respostas, ainda que temporárias. Em seguida, focalizamos que a resposta à

pergunta Que é “Esclarecimento”, foi elaborada e respondida à época de Kant. O que nos indica sobre a atualidade e necessidade da atitude filosófica frente às questões do presente. Outro ponto a ser considerado é a distância entre os séculos que separam nossa reflexão, o tema característico de nossa época e a datação da reflexão kantiana.

Nesse cenário de ausência de reflexão científica, quer seja motivada por uma incursão crítica histórica ou por ingenuidade filosófica, a ciência não apresenta condição universal para apontar possíveis argumentos sobre o uso excessivo das tecnologias digitais. Ao eleger esta lacuna da ciência, o presente texto vem abordar possíveis argumentos que justificam o hipostasiamento das tecnologias, conforme anuncia seu título.

Dito isso, adotaremos o conceito de Esclarecimento kantiano apresentado no século XVIII e, como este é possível de atualização e possibilidade reflexiva frente ao nosso século, no qual, o homem e suas formas de relações, em sua maioria, se efetivam a partir do império das tecnologias. Elegemos a concepção kantiana de menoridade e sua origem, focalizando, em especial, a condição de tutela, como consequência imediata e intrínseca do homem no exercício daquele estado.

### 1. O que é Esclarecimento para Kant

Kant (2005) inicia o texto **Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento” (*Aufklärung*)**, afirmando que se trata de um movimento de “saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado”. E continua: “A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo” (p.63). Estamos com Kant na Alemanha no dia 5 de dezembro de 1783, data em que referido texto foi publicado em opúsculo.

Apressadamente, o leitor é tentado a fazer um diagnóstico do conceito da menoridade de maneira simples e fácil. Engana-se! A formulação conceitual apresentada na forma de um único bloco, ainda se reserva das sinuosidades argumentativas do autor, desenvolvidas no itinerário filosófico de todo o texto. Este opúsculo foi escrito de forma singular: de fácil compreensão, não nos remetendo ao Kant da **Crítica da Razão Pura**, embora, os desavisados, percebam por si, no decorrer da leitura, que a simplicidade não é sinônimo de facilidade. Cabe-nos uma pequena observação sobre esses dois termos distinguidos por Descartes (século XVII), presente em toda filosofia moderna: simples se refere ao pensamento lógico; é primeiro porque obedece a ordem de uma cadeia lógica argumentativa. Simples é o primeiro na ordem das coisas. O simples, para Descartes, está descrito em linguagem matemática. Sua simplicidade guarda a identificação com o princípio da universalidade. Simples, traduz a idéia de ordem, proporcionalidade e estética; o simples é o primeiro elo da cadeia racional de onde se estabelece as possíveis derivações. Já o fácil, comparece no plano psicológico. O raciocínio fácil - pedagógico e sintético, nem sempre é o mais simples - segundo a ordem e analítica.

Kant parte do princípio de que todos os homens nascem livres. Não nos ocuparemos aqui, de uma análise política sobre a liberdade, quer seja do ponto de vista teológico, político ou filosófico; mas, da afirmação de Kant sobre a liberdade do homem enquanto um ser de pensamento (livre) e atitudes. Ainda que em situação de escravidão, o pensamento do indivíduo não se deixa escravizar. Ele é o único, como também pensou Descartes, que escapa da lógica de que um homem pode escravizar outrem. Portanto, a presente análise, está ancorada nessa concepção kantiana de liberdade. Por isso, para este autor, a menoridade se origina no estado deliberativo de preguiça e covardia humana. Há uma aceitação dócil de ser conduzido por outrem. Há, explicitamente, uma comodidade em não se anunciar autor de seus atos, o que, para o covarde, significa não ser responsabilizado por suas condutas inapropriadas ou desvirtuosas. A covardia de assumir as diretrizes de sua vida, passa a ser concebida como um estado natural pelo covarde. Ou seja, o indivíduo cronologicamente adulto se recusa a deixar de ser criança subjugada ao regime de obediência de seus tutores. A covardia e a preguiça são concebidas como deformidades morais que se arrastam durante toda a vida do indivíduo por deliberação própria e esses grilhões são os mais difíceis de quebrar.

Nessa direção, podemos dizer que na covardia, o indivíduo parece se proteger, equivocadamente, dos riscos da vida. Ao negar a auto-gestão, brota a condição ideal do gerenciamento de sua vida sob tutela. A negação de auto gerência, auto referência e autonomia, delega a outrem a condução e direção do maior bem que o indivíduo é possuidor: sua vida. Eis o real perigo que o manto da covardia tenta esconder e se esconder. O voluntarismo de servir mascara uma suposta absolvição dos atos cometidos por uma obediência cega e inquestionável tutela. A covardia é aqui entendida enquanto opositora radical à coragem. Temos, portanto, a anunciação de um esboço sobre a moral. Acompanhemos

atentos a evolução da argumentação de Kant sobre o que venha ser Esclarecimento e o novo elemento que se denomina tutela.

## 2- Conceituando Tutela

Seguindo a ordem do pensamento de Kant, nos deparamos com a recorrência insistente deste autor quanto ao uso do termo tutela. Este comparece no desenvolvimento da explanação sobre o estado de menoridade e, conforme anunciamos, a leitura se dirige para uma arquitetura de um esboço moral. Se, como dissemos, a covardia e a preguiça são as origens da menoridade, estas, na mesma medida e força, são também, as origens de um dos mais perversos modos de comportamento que a humanidade é capaz de gerar e de promover a deformidade moral no indivíduo na sociedade, no plano particular e no público. Em outras palavras, o domínio da tutela, desfaz no homem de menoridade e na sociedade, aquilo que lhe é mais precioso: a liberdade. Sem ela, o homem se distancia rápido de sua vocação<sup>[1]</sup> de pensar e agir segundo sua vontade.

De acordo com Kant, o estado, a religião e a ciência são os tutores oficiais da sociedade formada por indivíduos que recusam o esforço da razão para se auto gestar. Sim, esforço, porque fazer escolhas e assumir responsabilidades é competência para poucos. Nesse sentido, ao se abster de escolher e apenas obedecer, o indivíduo julga gozar de uma situação confortável, quando na verdade, está imerso nas cinzas da servidão. O homem capaz de pensar e agir segundo sua razão, obedece ao estado por ser cômico às leis; por compreender sua obrigação moral e não simplesmente por uma submissão legal, o que representa uma fragilidade, comparada a atitude do sujeito moral.

A liberdade é na concepção kantiana, a condição primeira e que deve permear toda a existência de auto regulação do indivíduo e todas as representações humanas. Alargamos essa compreensão, especialmente para a política e seus raios de abrangências, a exemplo das relações nacionais e internacionais entre as nações, educação, moral, ciência, economia, enfim, todas as manifestações humanas no processo de civilização ascendente. Dito isto, nenhum indivíduo deve ser ou estar subjugado a outrem, nem mesmo à obediência a um estado corrupto, a sacerdotes ou a um conhecimento que fira este princípio moral, conforme afirma Kant, pensamento do qual corroboramos.

Somente na liberdade é possível pensar e agir coerentemente. Entretanto, ao nos confrontar com uma situação na qual indivíduos vivem sob condição tutelar, nos perguntamos como esse círculo vicioso pode ser quebrado. Na resposta apresentada no texto sobre **O que é “Esclarecimento”**, o autor admite a dificuldade para o rompimento, assinalando que não será através de uma revolução social. Esta proporcionaria mudanças situadas e específicas, mas conservaria preconceitos e modos equivocados de governança social. Além do mais, uma revolução sugere um estado de guerra, de quebra total e abrupta dos modelos naturalizados. Fato que desencadearia insegurança motivada pela experiência primeira da liberdade, levando a resistência particular e coletiva.

Nessa altura, podemos fazer uma aproximação entre a insegurança da menoridade frente ao espetáculo da liberdade, com a metáfora do mito da caverna de Platão. Em ambos, reservadas todas as distinções metodológicas, tem-se a denúncia dos vícios causados pela servidão, quer seja a sua origem voluntária ou opressora (externa). Nas duas situações, observamos o efeito paralisante da tutela e o imperativo de rompimento através de uma ação coletiva que movimenta o indivíduo - na concepção platônica, o escravo; com Kant, o homem culpado<sup>[2]</sup> por sua decisão de servir.

Para Kant, toda mudança se funda e se efetiva a partir de uma reforma lenta e gradativa e somente alguns seriam capazes de provocar uma revolução – o que não se configura numa consequência ideal. Nessa direção, o salto entre a menoridade, cuja preguiça e covardia alimentam o estado tutelar do homem que assim se constitui e decide viver, compete, primeiramente, a ele, a determinação e a vontade de realizar esse movimento. É preciso coragem para romper os vícios da covardia e da preguiça e assumir a gestão de sua vida. A coragem é a virtude de força individual, motivadora e intransferível; ela pertence ao plano psicológico. Em seguida, cabe ao estado oferecer as condições para que aquele homem adote e percorra o caminho lento, seguro, porém árduo, de uma reforma evolutiva em sua vida.

Portanto, estamos de frente com a proposta de reforma kantiana para a educação que o identificará como um dos precursores da educação moderna e o século XVIII, como o século da educação. Neste texto não nos ocuparemos das especificidades da pedagogia de Kant. Cabe-nos assinalar que o seu plano de reforma educacional propôs a invenção do sujeito moral. Ou seja, se para Descartes, o sujeito cognoscível representa o espírito filosófico, para Kant, o homem racional, é antes de tudo, o crítico dos limites da razão e, conseqüentemente, da ciência e das suas

condições necessárias para a ação moral em todas as dimensões.

Entre o francês e o prussiano, tem-se uma mudança paradigmática sobre a concepção de razão. Para o primeiro, a razão não possui limites para conhecer; para o segundo, a razão é constrangida a reconhecer seus limites, tanto nas questões inerentes à ciência, religião, política, costumes e ela própria. Kant radicaliza e expõe o ponto nevrálgico da razão, pela primeira vez na história da filosofia - a razão é colocada diante de situação vexatória. Eis o ponto nevrálgico ao qual ela precisa se submeter. É essa razão crítica inaugurada por Kant, que toda a posteridade vai reconhecer, quer seja enquanto elemento corroborador, ou, enquanto elemento opositor.

Neste sentido, a razão crítica é a única possuidora das credenciais para reverter o regime tutelar de qualquer instituição ou indivíduo sobre a sociedade ou seu semelhante. O exercício deformador e vicioso da tutela do estado, religião e da ciência, é abalado diante do poder da razão crítica, que se questiona sobre as condições para pensar de forma autônoma, conhecer e agir.

#### 1. O salto da menoridade para o uso crítico da razão

Iniciemos a argumentação com o questionamento sobre as condições do salto da menoridade.

Expusemos o estado de tutela a que os homens se submetem por viver na menoridade. Porém, num dado momento, espera-se que estes despertem do sono profundo que essa espécie de letargia e de preguiça moral e intelectual os hipnotiza. O despertar, dissemos, é uma decisão particular. Decidido, então, temos o primeiro passo para um salto sem volta. Este outro e novo comportamento é denominado, por Kant, de maioridade, em oposição imediata à menoridade.

Entretanto, decidir é o movimento primeiro na cadeia de novas aquisições intelectuais e morais. Feito isso, é preciso partir e seguir para o segundo passo, no qual se insere o projeto de educação kantiano. Execução lenta, pois é preciso educar o indivíduo (já adulto), quanto ao abandono de preconceitos e vícios adquiridos por uma má<sup>[3]</sup> formação, cujos fatores exteriores, por vezes criam obstáculos e outros até proíbem uma educação para o desenvolvimento íntegro do indivíduo.

A educação, para Kant, deve ser iniciada na fase infantil e seu objetivo central é formar cidadãos livres, capazes de exercer o pensamento de forma autônoma. A razão goza de liberdade plena quando não se submete a nenhuma lei senão aquela que se dá a si própria, reconhecendo-se ponto aglutinador de um conjunto de auto referências. Neste sentido, o que se projeta durante todo o processo formador, se dá através de uma pedagogia também livre da tutela de quaisquer instituições ou indivíduos.

Bom ressaltar que a educação para Kant não comparece como meio para se atingir um fim ou fins determinados. Ela é meio e também fim. Sua finalidade se confunde com sua metodologia, pois não há como se conceber uma pedagogia para orientar o indivíduo para pensar e agir de forma autônoma, se ela própria, a pedagogia, não for livre (autônoma). Meio e fim se retroalimentam, formando um ciclo virtuoso entre processo contínuo e finalidade pedagógica. A educação é, pois, um projeto inacabado que tende para a evolução ou, em outro termo, para um possível melhoramento da humanidade. Por isso, uma reforma permanente e não uma revolução momentânea.

Em certa altura do texto **O que “Esclarecimento”**, Kant nos apresenta a seguinte indagação: “Se for feita então a pergunta: ‘vivemos agora em uma época esclarecida (*aufgeklärten*)’, a resposta será: ‘não, vivemos em uma época de esclarecimento (*Aufklärung*)’” (p.69). A lucidez de Kant à sua época reverbera no século XXI, nos dizendo que a educação é a única saída possível do homem do seu estado de menoridade para a maioridade. Embora, ainda com Kant, sua resposta permanece, igualmente atual, quando nos perguntamos sobre as condições de formação do homem contemporâneo. Outra vez, nas palavras do autor:

Falta muito para que os homens, nas condições atuais, tomadas em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela [...] somente temos indícios de que agora lhes foi aberto o campo no qual podem lançar-se livremente a trabalhar e tomarem progressivamente menores os obstáculos ao esclarecimento (*Aufklärung*) geral ou a saída deles, homens, de sua menoridade, da qual são culpados. (p.69-70)

A pergunta sobre a educação e a pedagogia atual enquanto meios e fins para a formação de homens livres, senhores de seu pensamento e ações, comparece como uma surpresa ou um incômodo. Nas duas afecções para a mesma questão, temos o espanto da pergunta original recolocada, porque para muitos, ela foi respondida; para outros muitos, ela é desconsiderada. Afinal, temos escolas, educação importada, educação nacional e regional. Mas, afinal, qual o perfil do cidadão que o projeto de educação nacional propõe formar e quais as considerações pedagógicas eleitas para que se cumpra este fim

Estamos em marcha contínua em direção à formação do homem para o exercício de sua autonomia e autolegislação, como afirma Kant, ao inaugurar o século da pedagogia e nos apresentar o que seja um processo de esclarecimento. São definidas as condições de possibilidades para o esclarecimento, entretanto, sem garantia de sucesso, pois no plano do humano, tudo é imprevisível e inesperado. Todavia, é necessário um plano de ações fundamentadas em princípios de uma razão autônoma, portanto crítica, que defina os meios e fins do progresso técnico em sintonia com uma política racionalista que apresente os princípios éticos para o progresso moral da humanidade.

Compreendemos que a educação kantiana ainda não foi alcançada. Ela permanece assentada na noção do plano ideal, da evolução humana no sentido de melhoramento ou, como diz Rousseau, de perfectibilidade, pois a história é esse caminhar do homem, rumo à evolução, ao melhoramento intelectual e moral. Pertence ao ideal, contudo, se trata de uma utopia viável, factível e necessária.

Dito isto, passemos para a análise sobre a pergunta: por quê se hipostasia a tecnologia na atualidade, motivo que nos levou à leitura filosófica e discursiva do texto kantiano sobre **O que é “Esclarecimento”** e suas condições de aquisição, no sentido de apresentar uma possível resposta coerente entre a pergunta sobre a atualidade e metodologia filosófica clássica.

#### 1. Qual a razão da tecnofilia na atualidade

Em que medida podemos relacionar um tema, cuja atualidade ainda não alcança uma análise definitiva, com um conceito gestado no século XVIII Em que condições é possível inquirir um recorte da contemporaneidade, aproximando-o ao pensamento kantiano sem ferir sua estrutura analítica que atravessa os séculos, mantendo o rigor intrínseco da argumentação filosófica

Esse será nosso guia metodológico e também filosófico para que, ao final de nossa argumentação, possamos nos perguntar se cumprimos o intento apresentado.

Pois bem. Vivemos mergulhados em informações que impelem as ciências rumo às pesquisas urgentes, tanto no plano do desenvolvimento de múltiplas técnicas para múltiplos fins, quanto na observação de novos comportamentos humanos que reconfiguram as motivações individuais e sociais.

Não é necessário aqui, historicizar sobre o fenômeno das tecnologias digitais, mas, realçar o uso quase unânime, que estas ferramentas nos permitem, de forma imediata, sem que façamos uma reflexão antecipada sobre as mesmas.

É consenso que tais ferramentas, a exemplo da Internet, redefiniram a experiência do espaço e do tempo. Este último, percebido num movimento inicial da percepção do passado, na acomodação do presente e na suposição ou hipótese do futuro, quase sempre previsível. Hoje, é flagrante uma temporalidade de instantes cada vez mais fugazes, fugitivos da noção seqüenciada e definida entre o que foi, o que é e o que será. Ao que nos parece, esta seqüência foi diluída e, cada vez mais rápida, se dirige para uma experiência individual e coletiva, em que a vida se desenvolve numa temporalidade instantânea, simultânea e apressada. O tempo é “o agora”; seus curtíssimos interstícios enfadam o homem contemporâneo, movido pela urgência de um tempo sem presentificação passada ou futura, pois o tempo é “agora”.

Nessa experiência “do agora” se movimenta o espírito inquieto e arredio de si que caracteriza o *ethos* contemporâneo tecnologicado. Um comportamento agitado não favorece a atividade de introspecção que, inevitavelmente, culmina no auto-conhecimento e na solicitação do exercício da paciência sobre um conceito e um conhecimento particular de qualquer natureza. O desprezo pelo tempo seqüenciado é, também, uma forma de desprezo de si, na medida em que somos o ser do e no tempo.

Refletimos o espírito de cada época. Agora, somos frutos de um tempo singular, no qual desempenhamos o papel de protagonistas de uma projeção ficcional de um passado recente. Ao elaborar um nexos possível entre o conceito de Esclarecimento de Kant datado no século XVIII e o espelho da sociedade atual, dizemos que continuamos perseguindo o Esclarecimento, embora, os passos largos das ciências particulares, nos digam o contrário: somos esclarecidos, pois temos proporcionado avanços que beneficiam a humanidade para viver mais e melhor. As tecnologias inventadas e aprimoradas garantem o esforço positivo do pesquisador. É um fato! Vivemos um avanço técnico sem precedentes na história e a confirmação de que a técnica, enquanto *ethos* da atualidade se caracteriza por sua essência aberta, cuja finalidade é ela própria, sem que se saiba o que ela, a técnica, seja. Ela é algo sendo, em permanente mutação, um porvir aberto e experimental.

Entretanto, o Esclarecimento anuncia o exercício da auto legislação, regulação e gerenciamento do indivíduo e está alicerçado no pensamento e ações do sujeito moral. Eis o grande legado e divisor de águas do projeto kantiano de educação. Nessa direção, não se distingue progresso técnico e progresso moral. A conformidade entre as noções de progresso para Kant, se referem unicamente a uma mesma concepção. Pensar em progresso é admitir ciência ou técnica aliada à moralidade.

Neste sentido, convocamos a questão sobre o uso acrítico das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação - TDIC, fazendo o recorte do que o indivíduo, com um simples acesso às aplicações da Internet se depara. Reservado o uso positivo e saudável das TDIC, pois este não é nosso tema, nos confrontamos com uma avalanche de barbáries, alimentadas pela banalização da dor alheia, culto ao sangue e atitudes ilícitas, a exemplo do que se assiste nas redes sociais informatizadas. A internet é o palco desse comportamento, que identifico de exercício de uma razão desprovida de criticidade e limites, quando esta possui o dever de ser moral.

Arriscamos que o uso apaixonado das TDIC compromete o indivíduo que delas se apropria, pois se auto anuncia incapaz de criticidade. Esta resposta, para nós, pode ser justificada quando confrontada com o conceito de menoridade e seu desdobramento tutelado. Ou seja, situação de ausência de crítica para o exercício da razão, resultante, também, da semiformação anunciada por Adorno, apresentada no escopo deste texto.

O indivíduo semiformado é o consumidor e refém de um tipo de mercadoria imposta pelo *ethos* contemporâneo, qual seja, usar instrumentos sem conhecer suas conseqüências do uso e se permitir ser tutelado na cacofonia provocada pela enxurrada de (des)informação.

---

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max- **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Ed. Zahar, 1985.

DESCARTES. R- **Discurso do método**. Coleção "Os Pensadores". Ed. Nova Cultura. 1996.

KANT, I.- **Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento" (Aufklärung)**. In: Textos seletos. Editora Vozes. 9ª Edição. 2005.

[1]Uso o termo vocação conforme tradução. Entretanto, me reservo quanto ao termo, por entender que ele nos remete à vocação sacerdotal. Para mim, usaria disposição como aproximação do ato de raciocinar. Uma disposição natural e não, uma vocação.

[1]Outro termo que me reservo de usar, mas aqui, conservo conforme a tradução pelo mesmo motivo assinalado para "vocação". Cf. nota 1. Prefiro o termo "responsabilidade" a "culpado", em sintonia com "disposição", pois esses dois termos nos remetem ao vocabulário teológico. Talvez Kant tenha mesmo usado estas palavras para ironizar a

sociedade de seu tempo. Entretanto, deixo o registro de minha opinião ao usar vocação e culpado e não disposição e responsabilidade.

[1] Embora não seja nosso tema, faço uma observação rápida sobre a distinção entre formação, *bildung*, e semiformação, *halbbildung*. O primeiro, usado por Kant, é sinônimo de *Aufklärung*, e que encontramos traduções que variam de esclarecimento a formação cultural. Ambos comparecem imbricados na filosofia de Kant, pois se remetem à educação e a pedagogia deste autor. O segundo, *halbbildung*, ou semiformação, é usado por Adorno na elaboração de sua crítica à cultura de massa. O frankfurtiano assina este conceito para se opor à Kant, afirmando que embora o processo de esclarecimento não tenha sido realizado, bem como o projeto maior que o moveu, o Iluminismo, a semiformação é conseqüência do sistema capitalista, no qual tudo se converte em mercadoria. A semiformação, para Adorno, é fruto desse sistema, que, por sua vez, não possui condições de gerar outro diferente. A crise gestada no capitalismo alcança o processo formativo ideal- aquele de Kant, reconhece Adorno, fragilizando os requisitos de uma formação cultural - educação - que fomenta a emancipação do homem e também impeça a humanidade ao retrocesso da barbárie e outras futuras. Neste sentido, fazemos uma aproximação entre os filósofos, quanto ao compromisso moral dos homens em manter sua humanidade.